

SOBRE ENSINO E LEITURA DE LITERATURA *ABOUT LITERATURE TEACHING AND READING*

Madalena Machado (UNEMAT)¹

RESUMO: O ensino de Literatura na contemporaneidade exige cada vez mais habilidade por parte do professor(a). Competir com a Inteligência Artificial (IA) requer mostrar um requisito que nela é ausente: a sensibilidade humana, fator preponderante na Literatura. O ensaio mostra que a leitura e o aprendizado da Literatura, a começar pelo clássico, muito mais que um desafio, para além da dicotomia de instruir ou deleitar, essa forma de conhecimento é uma expansão da vida. Dialogando com várias obras da Literatura universal, o ensaio se firma numa conceituação própria do que seja a Literatura com base teórica em Cortázar (1998), Deleuze (1997), Lyotard (2004).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino, Literatura, Leitura, Experiência, Aprendizado

ABSTRACT: The teaching of Literature in contemporary times demands more and more skill from the teacher. Competing with Artificial Intelligence (AI) requires showing a requirement that it lacks: human sensitivity, a preponderant

¹ Professora e Pesquisadora na UNEMAT – Campus de Pontes e Lacerda-MT (BRASIL); Credenciada no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL) – Campus de Tangará da Serra-MT e no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) – Campus de Sinop-MT na UNEMAT. É Graduada em Letras (UNEMAT); Mestre em Estudos Literários (UNESP); Doutora em Teoria Literária (UFRJ); Pós-Doutora em Literatura Brasileira (SORBONNE); Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Literatura “Manoel de Barros”; Líder do Grupo de Pesquisa: Literaturas na Interface entre o clássico e o contemporâneo (CNPq). Pontes e Lacerda-MT, Brasil. E-mail: dramadalena@unemat.br

factor in Literature. The essay shows that reading and learning Literature, starting with the classic, much more than a challenge, beyond the dichotomy of instructing or delighting, this form of knowledge is an expansion of life. Dialoguing with several works of universal Literature, the essay is based on its own conceptualization of what Literature is based on Cortázar (1998), Deleuze (1997), Lyotard (2004).

KEYWORDS: Teaching, Literature, Reading, Experience, Learning

Em tempos cada vez mais midiáticos, moldados pela inteligência artificial, em plena expansão da ferramenta chatGPT, soa anacrônico falar de ensino de Literatura. Principalmente se o caminho tomado for o da simples identificação, conforme obtemos a resposta automática:

Ensino de Literatura é o estudo das obras literárias - os seus temas, estruturas, recursos lingüísticos (sic), contextos históricos e culturais - e o seu significado. É uma disciplina que visa fornecer aos estudantes uma compreensão aprofundada e contextualizada da Literatura, bem como capacitá-los para ler e interpretar de forma crítica e com consciência de gênero. Ela também procura promover o debate e a discussão crítica sobre os textos literários. chatGPT em 09/02/2023

Enquanto fator de conceituação a resposta da inteligência artificial é precisa. Pelo menos se o que estiver em pauta for o trato com receitas práticas como garantia de um resultado exemplar, ou seja, fazer leitores. À exceção do erro de acentuação na palavra “lingüística” com trema, a ideia prevaiente de formar a criticidade do leitor é positiva. Mas, antes de tudo, há de se perguntar se existe realmente um leitor. Há o gosto pela Literatura? Mas de que Literatura tratamos? Não está claro na

resposta robotizada. Certamente não aquela que escapa da boca de leigos que usam a palavra como sinônimo de bibliografia, nada ligado àquilo que consideramos como a arte da palavra, como já ensinava Aristóteles. Justamente, a palavra lapidada, seu forjar de sentidos corriqueiros quando de seu ajuntamento com vistas à emoção, é o que neste ensaio defendemos como Literatura. Palavras que criam, desenham seres brotados do papel capazes de fazer rir, chorar, indignar, enfurecer, desprezar, solidarizar, enfim, tudo que é do âmbito do humano, cabe na Literatura. É desta compreensão que o leitor começa a ser fisgado pela arte portadora de técnica, precisão, labor, mistério e liberdade em conjunto. Da qual nosso ensaio pretende refletir sem pretensões a um pensamento sistematizado a ser seguido.

Não tratamos da Literatura com a fatal displicência de considerá-la apenas pelo viés temático, posto que muitos a enxergam somente como a arte de contar histórias românticas. Como tal, mero recurso expressivo para dar vazão a suas ansiedades. Certo é que boa parte da Literatura enveredou por este caminho, seduziu uma legião de leitores pelo entorpecimento de histórias de amor açucaradas com final feliz. Mas igualmente é certo que a Literatura se movimenta conforme o ser humano vai se ampliando em autoconhecimento, as emoções vão tomando vulto, se encorpando e traduzir isso restrito à temática amorosa, reduziria o conhecimento humano. Dessa forma, a Literatura em seu variado arcabouço temático se espalha na poesia ou na prosa, da tripartição genérica inicial (épico, lírico e dramático) em inúmeros gêneros da atualidade. Da realidade oral à escrita transformadora, ela busca na imaginação a fonte imorredoura, digna de crença, a verossimilhança que nos fisga primeiro pela curiosidade, depois pela empatia, a sedução de ver nossa vida

desfilam a cada linha, surpresa que nos tira do tempo cronológico e nos faz viver uma vida que é e ao mesmo tempo não é nossa.

De posse deste conhecimento basilar faz sentido então em tratar do ensino de Literatura. Aquela feita em linhas curtas que, pela etimologia da palavra “verso”, lembra o ato de arar o chão, os veios rasgados na terra em preparo para o plantio. A concisão do poema feito de versos, lembra exatamente a colheita que se espera com a leitura, a declamação num aspecto profissional do termo só faz abrir o caminho da emoção, a centelha de vida começa com uma leitura tonalizada, depois escandida, interpretativa, para depois mostrar ao leitor ainda não capitulado que é possível extrair sentidos infundáveis de um texto tão curto. E, assim, com a escolha temática adaptada a cada geração de leitores, é possível conquistar desde os pequenos, até uma geração apática, de cabeça curvada, alienada pelas novidades do celular e desprovida do senso de beleza e, mesmo, crítico.

Ora, como em Literatura não se encontra apenas situações amorosas, faz-se necessário destacar que as emoções encontradas neste campo do conhecimento, como se fosse numa espiral, cresce em dimensão humana. Consideradas as convenções artísticas em sua composição, nela estão o ódio nosso de cada dia, a vingança, a mesquinhez, a cobiça, uma subjetividade em desajuste, tudo em progressão, tudo capaz de levar a uma identificação por parte do leitor. Entretanto, isso só chega a ser compreensível se o profissional das Letras for capaz de domínio do conteúdo, somado a uma prática de ensino que desperte o futuro leitor para querer mais além da novidade do celular, a pieguice de vídeos curtos com situações muitas vezes bizarras, músicas de apelo sexual que beira a reações animais. Àquele que ensina cabe fazer ver que a Literatura de grande porte ultrapassa

essa momentaneidade proporcionada pela tela do celular, do computador ou da televisão, das mídias sociais. Ela é superior porque pode mostrar ao leitor quem ele é; pode desvendar os porões de sua consciência, concomitante ao acesso direto ao conteúdo da mente dos personagens; dilatar sua compreensão da vida; situá-lo no mundo porque parte dele, enfim, a arte feita de palavras tem o poder mágico de construção da subjetividade. Do contato direto com a Literatura o leitor se instrumentaliza com as ferramentas a fim de habilitar a expressividade, cravar um lugar no mundo digno da opinião própria e não por ouvir dizer ou mesmo se inteirar da vida dos famosos, da música mais tocada, o vídeo mais curtido, o meme do momento.

Sim, reconhecemos, a Literatura de cunho erudito que neste ensaio assumimos como aquela a ser ensinada e apreciada, demanda tempo, um tempo que o mundo atual não dispõe. Entretanto, discordamos de tal opinião uma vez que alega-se acerca deste tipo de Literatura com o “L” maiúsculo não caber no mundo sem tempo de hoje, enquanto o usuário de internet gasta no mínimo duas horas a duas e meia vasculhando aplicativos no celular, mais duas a três horas na televisão por dia. Se, deste tempo total extrairmos o conteúdo realmente útil ao usuário, teríamos no mínimo uma hora por dia para ler a grande Literatura, então, com certeza a alienação que vivemos hoje seria bem menor. Agora no campo das probabilidades: teríamos mais opiniões e menos achismos na internet; mais conhecimento valorizado nos mecanismos de busca e menos tempo para o ódio gratuito; posicionamentos políticos sólidos ao invés de perseguições sem sentido, que revelam um total analfabetismo político, verdadeira falta de consciência de classe. Ainda é necessário ressaltar que entendemos como prioritário na formação do leitor que o ensino

comece dos clássicos, na formação do gosto para o entendimento de como se formou o cânone até chegar à Literatura do nosso tempo. Isto no intuito de compreender como a Literatura passa do estágio na enunciação de fatos para a vivência deles.

Temos por horizonte que a Literatura age, transforma, é ativa e inovadora a um só tempo, mas é preciso que alguém ensine, abra perspectivas, inaugure sentidos inativos pela falta de leitura e não apenas se conforme no nível da decodificação. Em pleno século XXI no raiar do ano de 2023 não se pode alegar falta de acesso. Sim o livro de papel ainda tem um alto preço no Brasil para boa parte da população brasileira. Também é igualmente verdadeiro que o livro hoje não é exclusividade do artefato de papel, a exceção dos livros raros e edições de colecionadores, podemos afirmar que as mesmas versões podem ser encontradas em formato digital, com a vantagem de boa parte delas serem gratuitas. O leitor pode ter uma biblioteca de sua preferência na tela seja do computador, celular, tablet, ou qualquer outro suporte digital, mas é preciso que o explore, leia, discuta, interogue, mostre sua opinião a respeito do que foi passado sob suas retinas. Que não se satisfaça com o que o professor introduziu do assunto, muito menos que se transforme num colecionador de resumos de enredos.

Nem tudo é Literatura. Isto é fato e foi mencionado anteriormente. Passemos então a explicar nosso ponto de vista a respeito. Tratar a Literatura como melhor ou maior porque oriunda do Velho Continente é tão simplista quanto valorizá-la por ser de países de língua oficial portuguesa (Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste). Não se lê William Shakespeare porque trata-se de Literatura inglesa, Machado de Assis por

ser Literatura carioca, Clarice Lispector como Literatura de imigrante, tais autores são lidos porque são paradigmas de Literatura com qualidade estética, símbolos de um trabalho artesanal com as palavras que perduraram ao longo do tempo, foram aclamados pelo público, especializado ou não, são lidos, estudados, referendados como Literatura. Por ser assim vemos como espúria a tentativa de impor leituras de uma obra porque o autor é deste ou daquele país, por ser negro, por ser mulher, ser colônia, ex-colônia, autoria LGBTQIAP+. Não se trata de nenhum tipo de preconceito e sim da valorização de um campo do conhecimento cujos divulgadores muitas vezes misturam tudo e colam o rótulo de Literatura.

Vemos por outro tanto que um(a) autor(a) não pode ser lido(a) ou admirado(a) apenas porque seu estilo parece João Guimarães Rosa, Manuel Bandeira ou Manoel de Barros, pode e deve ser lido, admirado porque inventou um jeito próprio de olhar o mundo, enxerga os homens em suas múltiplas relações, este sim deve ser contemplado. Inventou novas formas de dizer o que é muito visto no mundo ordinário da realidade, mas que só a Literatura é capaz de observar, este(a) é um(a) grande escritor(a). No mergulho de sua leitura o leitor foi levado a sentir de maneira distinta ao que teve oportunidade até se deparar com aquele texto criativo. Não por ser mulher ou homem, rebelde ou conformista, de esquerda ou direita, a autoria dispensa tais rótulos em detrimento do domínio e/ou enriquecimento da língua, uso frutífero da imaginação, elevação do sentimento por um viés ainda não explorado dentro da forma gasta e mesmo por um conteúdo previsto.

A forma também é um capítulo à parte ao tratarmos da Literatura. Mesmo que a temática seja corriqueira, como

expressá-la é o sinal da inovação. O jeito de olhar a uma situação acaba sendo inovador, principalmente em se tratando da Literatura atual. Seja num poema repleto de caligramas (segundo o dicionário Houaiss é o poema cujos versos ou caracteres gráficos imitam um dado objeto e foi criado pelo poeta francês, crítico e ativista cultural Guillaume Apollinaire), aliteraões, assonâncias, figuras de linguagem a fim de incorporar o ritmo, a sonoridade e mesmo na prosa a alteração da ordem natural dando conta de uma existência, a alternância de vozes narrativas imitando a velocidade do pensamento. A alquimia semântica passa pela falta de continuidade, algo que quebra a expectativa do leitor, também atentar para como o autor imprime no texto a passagem do tempo. São chamativos para que atentos à forma, tenhamos noção do estilo do escritor e, então chegar à clareza de suas possibilidades expressivas.

Os elementos descritos anteriormente antes de ilustrar a competência técnica na leitura da Literatura, reiteram nesta o labor construtivo com a palavra, em outros termos, sua estilização. Portanto, não é simplesmente dominar um número ideal de palavras que torna uma pessoa um(a) escritor(a) de Literatura. É, sobretudo, o uso que o escritor faz desses elementos, como ele desperta na escrita para o problema do ser e do existir, isto o habilitando como profissional da escrita criativa. Independente do país, a língua, a orientação sexual, sua condição social. É óbvio que existe toda uma gama de situações no entorno da Literatura, mercado editorial, comercial, divulgação, prêmios que influenciam a existência de público, circulação da obra. Tais engrenagens são inegáveis à existência do escritor, entretanto, não é o fator determinante se ele não for dotado de recursos expressivos no uso estético da língua. É isto que defendemos

como primordial em Literatura, o que deve ser valorizado na leitura, principalmente em seu ensino. A começar pelos clássicos, o cânone ainda é o melhor início para despertar o gosto, mostrar um universo ainda não desbravado por quem não gosta de Literatura. Aprender sobre guerra com a *Ilíada* ou *Guerra e Paz*; as grandes dúvidas existenciais com *Hamlet*, *Otelo*; descobrir o embate singular entre realidade e fantasia com *Dom Quixote*; de traição e decepção com *Madame Bovary*, *Ana Karênina*; estar no mundo e sentir a culpa sem razão conforme *O processo* ou *O estrangeiro*; depois de morto repensar o que foi a vida, assim é em *Memórias póstumas de Brás Cubas*; a caça de uma vida inteira, feita vingança, que na verdade é a busca pelo sentido da vida em *Moby Dick*; na velhice rever uma vida incompreendida na juventude, mote de *Dom Casmurro*, *Grande sertão: veredas*, *São Bernardo*.

Sem pretender esgotar as possibilidades, mas almejando entender que antes de se maravilhar com os recursos expressivos da Literatura contemporânea, especificamente ao se destacar a simultaneidade na apresentação dos fatos, o relato fragmentado, o jogo com o tempo e o espaço, o exercício da liberdade textual e ver tudo isso como um protótipo de Literatura. É preciso estar convicto entre derivação e originalidade. Os holofotes só podem ser jogados em cima de determinado texto literário se este demonstrar uma preocupação nos modos de sua existência, no como dizer antes do dizer. Cientes de que a potencialidade vocabular de *Ulysses* só foi possível porque *Odisseia* o antecedeu; que a angústia existencial presente no *Jogo da Amarelinha* só existe porque *Mrs Dalloway* apareceu antes; que a linguagem enquanto motivo de escrita já foi protagonista no *Lance de dados* e mesmo de *Iluminuras* anterior à dúvida sobre a capacidade

de escrever Literatura motivar *Em busca do tempo perdido*. Que a fragmentação no relato de *Eles eram muitos cavalos* foi antecedida por *Se um viajante numa noite de inverno*. Entre tantos outros exemplos há de se considerar na Literatura atual, a herança de um passado que sedimentou o terreno para que fosse possível o contraste entre representação e poeticidade. Ainda e sempre sonho e realidade, emoção e razão, o dado objetivo e o subjetivo, concreto e abstrato dando vida, cor, energizando a palavra, conquistando a forma, produzindo sentido, construindo o texto capaz de testemunhar acerca da natureza humana, nisto podemos afirmar que a Literatura é permanência.

Considerando o aviso de Lyotard que não há mais grandes narrativas, a Literatura do século XXI se torna endógena ou parte para as minudências da vida. Nisso também é necessário indicar um precursor no romance *A Montanha mágica* com um narrador a se debater sobre seu próprio relato. Se o referente é a própria Literatura, seu entrecruzamento, influências só são perceptíveis com a leitura dos clássicos. Nela, a vida cotidiana passa ao centro das atenções, as minudências de uma vida sem qualquer realce, ocupa o poema, o conto, o romance, os gêneros todos no intuito de focar a existência cujas emoções antes de serem mostradas, pretende-se resgatá-las num mundo premido pela automação. É como se os escritores pretendessem promover o reencontro do homem com sua humanidade perdida para a tela, o frio das respostas robotizadas, a mecanização das relações distanciadas, buscando na expressão mais imediata, chegar o mais próximo possível do fato em si. O homem feito de palavras experimenta a solidão entranhada em todos os níveis sociais nos quais perduram o egoísmo, o impulsiona no labirinto das emoções que ele não reconhece mais, presa do consumismo, da

negligência com o outro, o desprezo pela natureza. Basta a leitura do romance *O inferno provisório* e o leitor se identifica com estas premissas. Por outro tanto, a mistura temporal tortura o homem do presente, iludido com a riqueza a qualquer custo, menospreza o que o passado possa lhe oferecer, com vistas a um futuro cheio de poder. Os narradores conscientes desta intensidade emocional desenham os contornos das mentes de personagens atribulados. Pretendem saber mais observando os mínimos detalhes, captar por um olhar perdido, o gesto só esboçado, a palavra interrompida ou mesmo as discussões acaloradas por causa de pontos de vista distintos sobre a vida, pormenores que alinhavam o conjunto da leitura do romance *A república dos sonhos*.

Assim é possível ensinar Literatura. Prepara-se o terreno, ara-se a terra, joga-se a semente, a palavra preparatória. Nunca, em hipótese alguma a Literatura pode ser vista como castigo, ou matéria para cumprir o horário que se resolve fazendo resumo ou cópia de poema para expor em mural. Na mesma proporção quem ensina deve gostar do que faz. Se for apenas para cumprir tabela, não haverá leitores. Conforme o grau de dificuldade, o tema familiar aos leitores, é preciso ler junto, devagar, respeitando o ritmo do leitor, dirimindo a dúvida vocabular, o fio dos acontecimentos, ganha-se aos poucos o leitor, após a compreensão mínima da trama, a leitura compreensível, prazerosa, se torna possível, por conta própria e no tempo de cada um, com retorno garantido para um debate, uma discussão com condições iguais aos leitores. Somente após estas etapas uma produção escrita pode ser solicitada, ganho vocabular será notado, sobretudo, riqueza de ideias, formação de opinião por conta da leitura literária.

Assim como não se pode conhecer uma comida sem

experimentar, não se gosta de Literatura se não houver o contato direto com o texto, cujo conhecimento não se faz por ouvir dizer. Se o leitor ou o futuro leitor não for exposto ao texto, não se trilha o caminho da leitura. O mundo concreto nosso de cada dia cabe na Literatura, é seu substrato mais vivo, ensina-nos Gilles Deleuze. O homem construído de palavras que brota deste texto, sofre o mal da solidão porque não se identifica com o *modus vivendi* no qual coube-lhe a existência. A solidão mais entranhada responde por seu perfil conforme encontramos em *Bartleby, o escriturário*. Poderíamos até arriscar que a solidão é o tema central em toda a Literatura de Virgínia Woolf, Franz Kafka, Clarice Lispector. A usura, a ânsia em acumular dinheiro e não repartir com ninguém também é um comportamento tão concreto quanto na leitura de *O avaro* e mais até em *Engénie Grandet*. É claro que um livro de Literatura não se nutre apenas de um tipo de emoção, mas a depender do autor, há a eleição por um tipo, é disso que tratamos. Questão de escolha, questão de estilo, de qualidade literária. A ambição, a inveja se espalham na Literatura de todos os tempos, desde a *Ilíada*, *Rei Lear*, *Doutor Faustus* em que juntos aos protagonistas cheios de caráter, gravitam outros que mostram sua pequenez humana.

Como ensinar Literatura num mundo marcado pela urgência da razão? Em que o dado concreto, objetivo, o real é exigido para a ficção, sob o risco de ser tachada de inverossímil? Sob as cifras, a importância dada pelo mundo fica impotente para quantificar o DNA do contato entre mãos que se afofalam, dos olhos que se olham pela última vez. De sentir a temperatura da brisa no cabelo num fim de tarde antes do expediente encerrar. Ainda, os números não alcançam os efeitos do sol no corpo num dia frio, nem o abraço que o filho ganha dos pais após uma longa

separação ou de uma grande conquista e, mesmo devastado após uma derrota e ainda, é impossível quantificar a dor da perda de um ente querido. Sequer mensurar a energia do toque entre dois corações no momento de um abraço ansiado. É justamente esse tipo de sensação que a Literatura se ocupa em todos os tempos e, na atualidade busca-se resgatar quando, repudiada entre a frieza do egocentrismo, distanciamento entre corpos e mentes.

Neste emaranhado localizamos uma explicação plausível ao contraste entre a representação exigida e a apresentação oferecida pela Literatura. Ela que sempre pretendeu mostrar o indelével, não se dobra ao razoável: explora o mundo dos gigantes, *Gargântua e Pantagrue*, dos anões, *Viagens de Gulliver*, vai por caminhos inexplorados, *A comédia humana*, *Viagem ao centro da Terra*, vê o mundo em ruínas devido ao excesso da razão e tenta redimí-lo pelo resgate da sensibilidade, *1984* e *Admirável mundo novo*. Numa narração convincente o enredo dá conta de um jovem nobre inglês do século XVI, imortal talvez que vivendo por três séculos sem envelhecer, se transforma em mulher, conforme lemos *Orlando*. Explora a ambiguidade humana nossa de cada dia, com seu aspecto metafórico realçado desde *O médico e o monstro*, *O visconde partido ao meio*. O desconforto então resultante pode gerar angústia, desta vem o insuportável, neste ponto, abre-se uma brecha para *A metamorfose* ocorrer, ao passo que amplia-se a oportunidade de conhecimento dos seres moldados pelo imediatismo nas relações e, da não resolução dessa cisão, a Literatura mostra o mundo colapsado presente n'*A peste*, *Ensaio sobre a cegueira*. Então, na condição de um sobrevivente do caos, podemos vislumbrar a humanidade n'*O conto da ilha desconhecida* percorrendo espaços à medida que afronta o proibido.

Ao construir imagens tanto de situações não palpáveis quanto de humanos não registrados em cartório civil, a Literatura pretende desvendar os recônditos da alma. Tradição vinda há séculos, ilustrada entre muitos por *Almas mortas*. Ainda e sempre o artista da palavra elege uma de suas criaturas para ser o porta voz do inconformismo, da inadequação ao mundo das regras estabelecidas pelo pragmatismo. A exemplo do *Tom Jones* e mesmo de *Memórias de um sargento de milícias*. No que divisamos sua culminância num livro intrigante, *The Left-handed Woman*. Embora este não se identifique com a aventura do corpo e sim do pensamento e diferente desses dois romances, seja protagonizado por uma mulher. Uma narrativa que conta a história de uma mulher comum, trinta anos, casada a princípio, com um filho, depois separada. Tem tudo para ser mais uma vida corriqueira que ganha espaço na Literatura, mas não. Não à toa Marianne é canhota, está na contramão do que os outros esperam dela e sim, seu traço característico é o silêncio. Distinto dos romances citados anteriormente em que a palavra servia de arma para a saída das situações mais intrincadas. Fica bem claro que a princípio ela não gosta da natureza, não ama o marido nem o filho. Sua introspecção gera a falta de continuidade na narração que, no convívio entre os demais personagens da trama, expõe seres que não se distinguem pela ação. A mulher canhota elabora perguntas desconcertantes que repelem outros ao seu redor, faz afirmações impensáveis para os demais e pondera sobre a fugacidade do tempo. A figura do narrador se atém aos mínimos gestos dos personagens para saber e dar ao conhecimento do leitor, quem é cada ser feito de palavra. O detalhe peculiar na narrativa é a busca ancestral por liberdade na Literatura, encorpada por personagens singulares como neste

caso do romance austríaco. Circunstância melhorada, mas já trabalhada, seja de modo enviesado como em *Crime e castigo* ou explícito, de acordo com a leitura de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*.

Ora, se para dar conta da complexidade psicológica os escritores se mostram exímios observadores, apontam que *O diabo está nos detalhes* desde o encontro do acompanhante Jean-Christophe com a paciente terminal Alexandra Massedo a fim de uma reflexão sobre as singularidades da vida. De um pedaço de papel apanhado do chão, Antoine Roquentin descobre *A náusea* de existir; da meia castanha tricotada pela Sra. Ramsay registra-se uma vida interior em ebulição presente em *Ao farol*. Tais descobertas vêm sendo escavadas no solo da ficção, primeiro pela peregrinação do corpo por vários países numa *Volta ao mundo em 80 dias*, saber das peculiaridades encontradas n'*As cidades invisíveis* ou mesmo do esquecimento forjado e escrutinado no livro *Os sertões*. Ocasão para o leitor saber sobre as várias culturas, os modos de ser de povos tão distantes, como a China antiga ou a atual metaforizada na matriarca Shangguan Lu, protagonista de *Big Breasts & Wide Hips*. É, inclusive, oportunidade para traçar um painel da cultura, as agruras, anseios de um povo múltiplo como nos fez conhecer *Macunaíma*.

Sobrepondo o aspecto plural que formata a Literatura quando foca o homem no coletivo, que o sufoca porque a lógica o comprime, surge a pergunta de *Alice no país das Maravilhas*, qual o sentido? Os estímulos extraliterários associados à representação em Literatura cedem terreno à apresentação do interior, pouco explorado. No que propicia o surgimento de textos que contemplam o homem perdido, desajustado, num ambiente que o trai pela falsa clareza no que vê, toca, mas não o explica.

Abstrair das sutilezas um passo firme a trilhar, há muito sem Deus que o justifique porque n' *O paraíso perdido*, à proporção também das *Ilusões perdidas*, o presente na Literatura do nosso tempo, tratado sempre pelo móbile da ficcionalidade, é um sujeito que fala de si em estado de *Angústia* pura, motivadora inclusive na escrita do *Livro do desassossego*. Os elementos verbais do quais o escritor se utiliza são um tributo à solidão, a ser contemplada na sua versão mais contundente quando da leitura sufocante de *Enquanto agonizo*. Naqueles estão contidas as minudências de cada dia, as cores de uma tristeza esparramada por falas desconexas, a celebração do sem sentido que nos comprime, como são as *Elegias de Duíno*. O sujeito literário procura uma saída do labirinto, *O nome da rosa?* já sem o auxílio do mitológico fio de Ariadne. A cada percalço o homem oriundo da maquinaria verbal literária sente-se n' *O inferno provisório*, sem continuidade, sem um sentido de pertencimento ou um ideário de família, na rota d' *O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam*. Aliás, é tão palpável o aspecto da mendicância sentimental, da falta de compreensão, do contato direto com o outro a gerar *The great enigma*, a se arrastar em vida em busca de motivação, mesmo usando de subterfúgios químicos, explorados em *O clube dos jardineiros de fumaça*; ou à maneira da protagonista perambular por *Quarenta dias*, em ruas, hospitais, rodoviárias, por becos e ruelas. Sem sentido, sem razão para viver sendo *O pai da menina morta*, ou com falas desprovidas de nexos, só informação pautada na atualidade, sem comprovação, só *Reprodução* de um mundo cinza, opaco desde a mente a ser desvendada. Acuado, sentindo-se o próprio *O quieto animal da esquina*, o homem lá dentro das linhas literárias tenta aprisionar as palavras a fim de um sentido para sua vida, a cantarolar para despistar um

sentimento atordoante com a perda do pai, perda da referência, tenta escrever para entender a importância do genitor no seu trajeto, assim, uma via interpretativa de *Ribamar*.

Retomando as questões prementes neste ensaio, como ensinar Literatura se não há respostas, não aquelas de natureza clara, impulsionadas pela lógica e o bom senso? Se a verossimilhança já não basta? Se a realidade já ditou as regras e não satisfaz? Se o sonho ou o devaneio não cumpriu as expectativas? Nosso ensaio não tem a ambição de ser o depositário do método a seguir. Tão somente de mostrar que ainda é possível apreciar a criação verbal significativa, que é prazeroso se perder nesse mundo feito de palavras, sedutoras quando associadas de tal modo que nos tiram do tempo, surpreendem pelo sentido inaudito. Cujas escolhas desde o título podem nos chocar como *As flores do mal*, nos tiram do chão com seu conteúdo, mas ainda e sempre nos ensinam quem somos, porque estamos neste mundo. De muitas perdas é verdade, inclusive o nome, tal o enredo de *Avalovara*, mas que em seu labirinto de reflexões, avança numa busca inesgotável pelo sentido que a cada forma inventada pelos escritores, se torna atual, única, convidativa a uma leitura diferente conforme realizamos em nosso ensaio. Conscientes da diferença entre a leitura e o ensino da Literatura, do domínio de uma língua e a capacidade de criar Literatura, somos sinceros em identificar o leitor desafiado entre o conceito – automaticamente encontrado – e a vivência com o estado puro da arte de combinar palavras. A depender deste contato, delas extrair a emoção ausente na vida, como intermediar isso? só o risco da leitura desautomatizada pode responder, aliada a uma compreensão de que a grande Literatura sempre está comprometida com o homem.

REFERÊNCIAS

CORTÁZAR, Julio. *Obra crítica I*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998

DELEUZE, Giles. *Crítica e clínica*. São Paulo: 34, 1997

LIMA, Luiz Costa. *A ficção e o poema*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004

WELLEK, René e WARREN, Austin. *Teoria da Literatura e Metodologia dos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Recebimento: 20/02/2023

Aceite: 15/03/2023